

# CIBERCULTURA: ÁLVARES DE AZEVEDO NO CYBER ESPAÇO

## CYBECULTURE: ÁLVARES DE AZEVEDO IN THE CYBER SPACE

Luiz Augusto Mugnai Vieira Jr<sup>1</sup>

VIEIRA, L. A. M. J. Cibercultura: álvares de azevedo no cyber espaço. **Akrópolis**, Umuarama, v. 16, n. 3, p. 151-163, jul./set 2008.

**RESUMO:** Neste trabalho pretendo elaborar algumas reflexões sobre a percepção dos educadores frente às novas tecnologias entabuladas em um ambiente de sociabilidade virtual: os blogs de estética dark/gótico/emo. Essa reflexão possibilitou levantar o conhecimento dos professores sobre o universo dessas novas tecnologias, descobrindo como esses educadores se comportam em relação a esse novo processo proporcionado pela globalização e segmentação, como as atitudes da mídia em relação ao surgimento desses novos grupos urbanos que, de certa forma, estão vinculados à internet. Portanto, todo esse questionamento que envolve a temática abordada impulsionou a uma precisa descrição das situações que abordam a cultura tecnológica de alunos, no decorrer da vida acadêmica desses professores, explorando como lidaram com a situação. Com isso, a busca de querer entender o universo do mundo da cibercultura mais de perto possibilitou conhecer as simbologias, as representações, as ideologias de grupos que, de uma certa maneira, estão inseridos nesse universo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sensibilidades tecnológicas; Grupos urbanos; Globalização.

**ABSTRACT:** In this paper I intend to elaborate some reflections on the perception of the educators towards the new technologies within an environment of virtual sociability: dark/gothic/emo-look blogs. This reflection resulted in understanding the teachers' awareness of the new technology universe by discovering how they behave towards this new process provided by if globalization and segmentation such as the attitudes of the media in relation to the appearance of these new urban groups which are tied the Internet in a certain level. Therefore, all this questioning involving the issue approached boasted a concise description of the situations approaching the pupils' technological culture, throughout the teachers' academic life, by exploring how they face this situation. Therefore, the search of wanting to understand the universe of the world of cyber culture closely made possible to know symbologies, representations, group ideologies that, in a certain way, are inserted in this universe.

**KEYWORDS:** Sensitivity technology; Urban groups; Globalization.

<sup>1</sup> Antropólogo e Professor da UNIPAR – Universidade Paranaense campus Cascavel Paraná, com Especialização em Comunicação, Educação e Artes pela UNIPAR – Universidade Paranaense campus Cascavel Paraná. Endereço para correspondência: Rua Rio Grande do Sul, 2690 – Apto 804 – CEP 85801-011 Cascavel - PR E-mail: gutomugnai@unipar.br

## INTRODUÇÃO

Como entender as mudanças produzidas pela globalização que, junto de si trouxe, ao mesmo tempo, a segmentação e a homogenização cultural, que no entender imediato nos parece contraditório, mas também de grande complexidade?

Há uma profunda mudança de perspectiva: julgava-se que o mundo moderno estava unificado, enquanto a sociedade tradicional estava fragmentada. Hoje, ao contrário, a modernização parece levar-nos ao homogêneo no pensamento e no culto, na vida familiar e sexual, na alimentação ou no vestir-se (TOURAINÉ apud BARBERO, 2003, p. 57).

Este trabalho abordará questões relacionadas à emergência das novas sensibilidades que, segundo Barbero (2003), está inserida no mundo dos jovens urbanos e são neles que se fazem visíveis algumas das mudanças mais profundas e desconcertantes de nossas sociedades contemporâneas. Essas novas sensibilidades, de acordo com o autor, são dotadas de uma especial empatia com a cultura tecnológica, que vai desde o acesso de informações adquiridas pela televisão até a complexidade das redes de informática. Pretende-se analisar aqui as novas sensibilidades (as tecnologias de informação), os fotologs e blogs de estética dark e emo que fazem referência a Álvares de Azevedo, que acaba aqui servindo como um exemplo bastante figurativo da problemática desse artigo: os educadores possuem conhecimento desses grupos urbanos e sabem que estes utilizam do conteúdo educacional apreendido em sala de aula para expressar suas idéias, ideologias e estéticas de grupo em comunidades virtuais. E que esse processo está totalmente relacionado com a própria globalização e segmentação, cada vez mais potencializada em nossa sociedade. Pressupomos aqui que a discussão teórica levará à compreensão das questões que envolvem essa cultura tecnológica dinamizada com a sociedade, o que nos permitirá conhecer esse fenômeno, o mundo que a envolve, enfim, sua essência.

Observou-se que, durante a pesquisa bibliográfica, com a finalidade de entender a cultura tecnológica com mais proximidade, foram consultadas obras que possuíam divergências e convergências teóricas relacionadas a essa “nova” cultura. Isso ajudou a chegar a um melhor entendimento do fenômeno da cibercultura, pois possibilitaram conhecer as conexões desta com grupos urbanos (suas representações e simbologias), moda, ideologia, mídia e outras. Enfim, foi por meio de diferentes obras

e concepções semelhantes e diferentes de autores, aplicadas por teorias da sociologia, a possibilidade de uma maior compreensão do mundo da cibercultura.

A entrevista, que consistiu em forma de diálogo, em que o entrevistador, provido de um gravador e um roteiro escrito dos principais tópicos em forma de perguntas sobre o assunto desse trabalho, teve como objetivo facilitar o intercâmbio de idéias entre o entrevistado e o entrevistador e também para que as respostas fossem mais produtivas para o andamento do trabalho, tentando evitar que o entrevistador induzisse a uma resposta desejada. A entrevista foi realizada pessoalmente pelo pesquisador, em local e hora previamente combinados, com cada participante de cada vez. Foram entrevistados quatro professores da cidade de Cascavel, sendo dois da rede pública (A e B) e dois da rede privada (C e D), sendo que por questões éticas, esses serão definidos como: professor A, professor B, professor C e professor D. preservando o nome do entrevistado.

As principais dificuldades encontradas foram a seleção de obras que pudesse melhor contribuir para o desenvolvimento deste trabalho e, também, nem sempre foi possível ou fácil o acesso a alguns documentos.

A cultura tecnológica é um fenômeno típico da sociedade atual e, para captarmos o fenômeno de qualquer evento,

indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como, ao mesmo tempo, nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível. No mundo da pseudoconcretidade, o aspecto fenomênico da coisa, em que a coisa se manifesta e se esconde, é considerado como essência mesma, e a diferença entre o fenômeno e a essência desaparece (KOSÍK, 1995 p.12).

Para tanto, tentaremos esclarecer os conceitos abordados aqui e como podem ser compreendidos num campo maior das ciências sociais.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1 Ciberespaço

Como o ciberespaço é o espaço onde se desenvolvem as relações que originarão a comunidade virtual, e também fundamental que se compreenda que tipo de espaço é esse e como ele se constitui. LÉVY (1999) fala do ciberespaço como: “uma prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária” ou “como um

horizonte virtual vivo, heterogêneo e intotalizável, no qual cada ser humano pode participar e contribuir". Esta é uma das principais características deste universo: a interatividade que possibilita a relação de uma comunicação recíproca e a possibilidade de o ator ser também o co-autor do espetáculo. Frente a esse campo fértil, interativo, para uma identificação de grupo, o adolescente crê que "...construir uma identidade, inscrevê-la num projeto de vida é a tarefa necessária à crise da adolescência". Implica integrar as mudanças nas suas relações consigo mesmo e com os outros, fazer o luto da infância, adquirir a sua verdadeira independência, isto é, aprender a reconhecer-se numa rede de dependências mais ampla do que a família, (BIRRAUX,1990).

Para Lévy (1999), o ciberespaço é "o terreno onde está funcionando a humanidade". Portanto, pode-se dizer que maior riqueza do ciberespaço é de fato o humano que o realimenta, pois ele permite, a cada dia, mais facilmente encontrar pessoas a partir de seus endereços, com temas de interesses diversificados como. Por outro lado, a imersão de comunidades de pesquisa, de prática e de debate também faz parte deste universo, favorecendo assim, a integração do canal de comunicação entre as comunidades virtuais, independentemente das barreiras físicas e geográficas, tornando-se assim interativo, como ocorrem nos fotlogs, blogs e, por que não, as comunidades virtuais do site de relacionamentos do Orkut de grupos urbanos, como emos, darks e góticos, que buscam uma identidade de grupo.

No entanto, é preciso que se compreenda a noção de interatividade, revendo o conceito de envolvimento (que vai muito além de simplesmente seduzir ou encantar). Este consiste em permitir que o usuário possa participar da construção do processo, que possa trabalhar de forma ativa e recíproca, tornando-se parte do processo comunicativo. Para entender aspectos que circundam o ciberespaço, outro autor que fundamenta este trabalho é Assmann (1998), que considera o ciberespaço como um conjunto de tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação, acompanhada por inovações que alteram profundamente o modo de vida tanto no mundo do trabalho, como na sociedade em geral. Uma comunidade virtual é uma comunidade que estabelece relações num espaço virtual, através de meios de comunicação a distância. Caracteriza-se pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns, que trocam experiências e informações no ambiente virtual. Essa identificação de grupo, segundo Sampaio (1993) é muito importante para os adolescentes. O papel do grupo

no desenvolvimento dos jovens está relacionado às identificações que os adolescentes fazem com os seus amigos e na filiação que o grupo fornece ao processo de independência, face aos pais.

A investigação tem demonstrado que o grupo de amigos na adolescência é um suporte muito importante para o desenvolvimento, sendo a sua contribuição decisiva para o debate e consolidação de muitas questões com que os adolescentes se confrontam.

Contudo, Assmann (1998) adverte que a mera disponibilização crescente da informação não garante constituir-se modelo de uma sociedade da informação. Saliencia ser, é necessário assegurar a igualdade de acesso à sociedade da informação, lembrando ainda do caráter democrático das redes, que deve ser reforçado para a constituição dos espaços, visando à interação da humanidade na sociedade da informação provocando, segundo o autor, "o desencadeamento de um vasto e continuado processo de aprendizagem".

## 2.2 Blog e Fotolog

Foi observado, durante a entrevista com os educadores, que todos os professores entrevistados não conseguiram definir claramente o que viria ser um blog e um fotolog, mesmo aqueles que se mostraram mais abertos à rede virtual. Quanto à definição, o professor B responde "Eu não consigo definir isso. Eu não utilizo, eu não sei. O MSN e o Orkut seria uma espécie de blog?." Uma certa confusão com sites de relacionamento.

O blog seria uma imitação de um livro, já que nele, como no livro, escrevemos nossas idéias, contamos estórias, expressamos nossos sentimentos, colocamos nossa opinião sobre o mundo, sobre a vida.

Segundo Souza (2005), um weblog é um registro publicado na Internet, relativo a algum assunto organizado cronologicamente (como um histórico ou diário). O weblog conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas disponibilizadas na internet por servidores exclusivos e/ou usuários comuns.

As ferramentas abrangem registro de informações relativas a um site ou domínio da Internet quanto ao número de acessos, páginas visitadas, tempo gasto, de qual site ou página o visitante veio, para onde vai, do site ou página atual, e uma série de outras informações.

Possíveis traduções: blog (linguagem mundial), registro (registro no Brasil), diário (virtual), placard, quadro, e blogue (Português).

O serviço mais conhecido mundialmente é o Blogger. No Brasil são o Blogs.com.br, Blig, Blogger e o Weblogger, UOL Blog. Em Portugal são o Blogs no Sapo e o Weblog.com.pt. A Deutsche Welle premia, a cada ano, os melhores weblogs internacionais em onze categorias, no evento The Bobs - Best of Blogs. Os sistemas de criação e edição de blogs são muito atrativos, pelas facilidades que oferecem, pois dispensam o conhecimento de HTML, o que atrai pessoas a criá-los, em vez de suas páginas ou sítios pessoais. Por isso os blogs educativos são um grande atrativo para a educação, como ferramenta educacional, utilizada para o registro de idéias de professores e alunos.

A professora C, da rede privada, ao ser questionada, respondeu da seguinte forma: "Hum, eu não sou tão moderninha assim. O fotolog eu acredito que seja aquela coisa, só foto da moçada com mais informações, de aparência, aquela vendagem pessoal. O blog já é mais notícias. Eu leio alguns blogs. Eu acho que seria mais um jornal sintetizado na internet. Eu vejo assim, eu não sei se eu estou certa".

O fotolog seria uma imitação de um diário pessoal, já que nele só guardamos fotos, como escrevemos fatos do cotidiano, poesias e expressamos o que estamos sentindo. Um Flog (fotolog ou fotoblog) é um registro publicado na Internet, com fotos colocadas em ordem cronológica, ou apenas inseridas pelo autor sem ordem, de forma parecida com um Blog, define SOUZA (2005). A palavra é uma abreviação de fotolog, que, por sua vez, surge da justaposição de "foto" e "log" (do inglês, diário). O flog conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas elas sendo disponibilizadas na internet por servidores exclusivos e/ou usuários comuns. Os sistemas de criação e edição de flogs são muito atrativos, pelas facilidades que eles oferecem, pois não é preciso ter conhecimento de HTML, o que atrai pessoas a criá-los, ao invés de seus sites pessoais. São Flogs gratuitos: Fotolog.net, The Flog, flogbrasil, Flogão, Terra Brasil, vote nas fotos, PhotoStand, Aplicação livre do photoblog e flickr.

### **2.3 Relação dos Grupos Urbanos com a Internet**

Segundo Barbeiro (2003), existe um grupo de jovens urbanos providos de uma grande empatia com a cultura tecnológica, o que anunciaria uma cultura nova, como nota LÉVY (1996). Aqui nesse trabalho verificamos, através de blogs, como esses grupos urbanos que, além de estabelecerem uma conexão com a rede para sua propagação ideológica, artística

e cultural, fazem referência ao poeta Álvares de Azevedo. Para entendermos melhor a complexidade desses grupos urbanos e sua interligação com o universo da internet, adentraremos outros universos que, de certa forma, estão inseridos de maneira fundamental e precisa para seu entendimento.

Universos como o da moda. Uma vez, Luís XIV afirmou que a "a moda é o espelho da história". Não podemos negar. Conforme se alteram os cenários do nosso mundo, a moda muda. Não há nada que esteja acontecendo hoje que não possa influenciar a maneira de vestir das pessoas. A história da vestimenta, de acordo com Embacher (1999), pode nos fornecer uma visão panorâmica da importância que o vestuário assumiu ao longo do tempo e de como a cultura predominante em cada momento o influenciou.

Compreender a relação entre identidade e moda exige, antes de tudo, uma perspectiva social e histórica que torne possível analisar a importância do vestuário, do ponto de vista psicológico e social, na formação da identidade das pessoas, sem cair em reducionismo. Estilo emo de ser é usar munhequeiras, pulseiras, fitas, tecidos quadriculados, cintos com rebite, franjas enormes, piercing no nariz e lábios, bonés virados de lado, camisetas sobrepostas e outros acessórios, ter um fotolog (álbum de fotos na internet), de acordo com as revistas: Todateen, Capricho, Ana Maria ou Folha de São Paulo, a mídia impressa. Vale ressaltar, que a maioria dessas revistas, jornais e até mesmo a mídia televisiva, tratam esse movimento com superficialidade, pois trazem receitas prontas de como se tornar um membro, desconsiderando toda ideologia do grupo.

Quanta à importância do vestuário para o homem, ressalta Wilson (1985), que "as roupas, de uma maneira geral, parecem conseqüentemente preencher certo número de funções sociais, estéticas e psicológicas: elas juntam-nas e expressam-nas, todas simultaneamente". Essas funções estão presentes, tanto no vestuário antigo, como no moderno, o que se pode observar no histórico do vestuário. De acordo com a professora D "a gente nota, através das roupas e corte de cabelo de alguns alunos, que eles são emos".

Segundo Wilson (1985), na cultura ocidental contemporânea, o que se acrescenta ao vestuário é a moda, cuja principal característica é a mudança rápida e constante de estilos. "é qualquer coisa de qualitativamente diferente e novo. A moda, num certo sentido, é mudança, e nas sociedades ocidentais modernas, não existe roupa fora de moda, pois estabelece os termos de todos os comportamentos, em relação ao modo de vestir." Os professores B

e C conseguem ter uma identificação com o que é punk e até mesmo com os darks e góticos, por terem vivenciado a época em que esses grupos tomaram maior evidência. “Eu sabia mais dos punks, que são mais antigos, agora esses mais novos, como os emos, não. Eu já ouvi os alunos que vieram falar, essa ai é emo!!! Até então, eu não estava sabendo quem era, quem são, como os punks, como os góticos, que são fascinados pela morte. Não é uma modinha que eles estão pegando, eles estão sabendo da ideologia, mas alguns presos à moda. Eu sei mais a ideologia dos punks. Eu sei que eles tem um fundamento ideológico e não só moda. Da outra galera (tribo urbana emo) não sei. Eu acredito que a princípio, eles vão pela moda, mas depois eles vão conhecer mais ideologicamente. Os emos eu não conhecia, era uma ignorante nessa área.” declara a professora C. “Onde é que o Álvares de Azevedo entra nessa estória? Eu particularmente conseguiria ver pouca conexão desde grupos com o poeta”, completa a professora D.

Com a modernidade, surge também a fragmentação do homem, que passa a confundir identidade com papéis sociais. Para Embacher, apud Lasch (1999), a crise de identidade é o mal do homem moderno. Ele explica que essa crise é fundamentada na abundância de opções que pessoas têm à sua disposição: “os sentimentos persistentes de descontentamento são o preço pago pelas pessoas por sua liberdade. Em vez de atribuir ao indivíduo uma identidade ou posição pré ordenada, os modernos arranjos sociais deixam-no livre para escolher um modo de vida que lhe agrade; e a escolha pode tornar-se desconcertante e até mesmo dolorosa.”

Na entrevista, vemos esse cuidado por parte de alguns professores, como o professor B, que afirma que não vê motivo para não utilizar e relacionar o conteúdo didático com os grupos urbanos. “Agora, como? Qual cuidado? Porque, mesmo assim no dark, no gótico e no emo, eles não são iguais, eles são heterogêneos, eles não se misturam. Agora, se o professor vai chegar à sala de aula e der mais evasão ao emo e tem um grupo de gótico ali, isso vai prejudicar a sua aula, ou grupo de sertanejo ali, tem que ter muito cuidado. Pois, o que pra nós pode ser algo apenas trivial, apenas de gosto, pra eles é formação de identidade, eles se reconhece naquela banda. Se você pega um grupo de adolescente e fala mal do grupo rebeldes, você não está falando mal da banda somente, e sim, do modo de ser deles. O professor pode ter dificuldade de trabalhar isso, por causa da diversidade, diferenças que pode encontrar dentro da sala de aula e por tratar de adolescentes.

Mas pode auxiliar. A visão do aluno é que o professor tende para um grupo, em detrimento do outro. Esse é o cuidado que nós professores temos que tomar”.

Um dos paradoxos da modernidade é que, se por um lado, ela permite a expressão do individualismo, por outro, faz surgir no indivíduo o temor de não ser capaz de sustentar essa autonomia do eu. A identidade passa a ser um dos principais problemas da modernidade. O vestuário, muitas vezes, auxilia o homem moderno nessa questão. Ou, como afirma Wilson (1985), podemos encarar o vestuário da moda, no mundo ocidental, como um meio através do qual um eu, sempre fragmentário, é unificado e aparenta uma certa identidade.

De acordo com Mello e Souza (1987), a moda é um dos instrumentos mais poderosos de integração e desempenha uma função niveladora importante, ao permitir que o indivíduo se confunda com o grupo e desapareça num todo maior, que lhe dá apoio e segurança.

A moda é essencial para o mundo moderno, faz parte da trama que liga o nosso organismo cultural. Se possível pensá-la como algo coercitivo, que nega a própria individualidade, uma vez que é movida pela imitação, é também possível pensá-la como capaz de expressar o individual. Entretanto, essa expressão do individual também tem seu lado coercitivo. É, muitas vezes, apenas a reposição de uma identidade pressuposta, pré-determinada, um ser feito pelo outro, uma mesmice, que nega a totalidade que o indivíduo acredita ter unificado. Para Embacher apud Ciampa (1999), a identidade é um movimento contínuo, metamorfose construída a partir das relações sociais, nas quais o indivíduo busca a autodeterminação, o ser por si.

A respeito da diversidade cultural, Ortiz (2000) explica que cada espaço é marcado por valores particulares e por uma mentalidade coletiva modal, pois uma civilização é uma continuidade num tempo de larga duração. Tudo se passa como se cada cultura tivesse um núcleo específico, caracterizando o mundo como um mosaico, composto por elementos interligados, mas independentes uns dos outros.

São muitos os signos, os símbolos e os emblemas, ídolos, ou figuras que circulam e flutuam pelo mundo, de acordo com o autor. Mas é no âmbito da cultura que se expressam, de modo particularmente nítido, algumas das características mais surpreendentes da mundialização.

Jamais, como em nossas sociedades, a mudança em matéria de orientação cultural e ideológica conheceu tal precipitação, jamais foi tão da alçada

da paixonite. A velocidade com que se sucederam e se multiplicaram as febres do sentido há duas ou três décadas, é particularmente impressionante: sucederam-se ou encavaram-se no hit-parade das idéias a contracultura, o psicodelismo, o antiautoritarismo, o terceiro mundismo, a pedagogia libertária, a antipsiquiatria, o neofeminismo, a liberação sexual, a autogestão, o consumismo, a ecologia. Paralelamente, fizeram furor na esfera mais diretamente intelectual o estruturalismo, a semiologia, a psicanálise, o lacanismo, o althusserismo, as filosofias do desejo, “a nova filosofia”. E os anos 1980 prosseguem o balé com a virada espetacular do neoliberalismo, do menos Estado, da “revolução conservadora”, do retorno do sagrado, do êxtase das “raízes”, da sagração das empresas, do capitalismo. Nos anos 60-70, a ideologia contestadora e hipercrítica fez sucesso, da mesma maneira que a minissaia ou os Beatles, Marx e Freud, superstars, suscitaram exegetas em delírio, discursos miméticos em massa, torrentes de êmulos e de leitores. O que resta disso hoje? Em alguns anos, as referências mais veneradas cairam no esquecimento, “Maio de 68 é velho!”, o que era “incontrolável” tornou-se “imprestável”. Não por movimento crítico, mas por desafeição: uma voga passou, uma outra se engata como se muda de casa, de mulher, de carro; os sistemas de representação tornaram-se objetos de consumo, funcionam virtualmente na lógica da paixonite e do lenço de papel (LIPOVETSKY, 1989 p.135).

Mas o que seria ideologia? Resumidamente, para Marx (1998) ideologia seria uma verdade parcial da realidade, enfim uma determinada visão de um determinado grupo, classe. Grupo que se define, segundo Charon (1999), como mais que um conjunto de pessoas. Nele se compõem pessoas que interagem e formam padrões. Nele os indivíduos se reúnem e formam padrões. A sociedade humana requer a socialização vitalícia, e isso requer o uso de símbolos. Tudo que é cultural, valores, objetivos, normas, verdades e padrões, são simbólicos. Além disso, a organização social requer que os seres humanos comuniquem-se uns com os outros enquanto cooperam, enquanto resolvem problemas.

A comunicação simbólica é essencial para a resolução de problemas em grupos. Questões que levaram a responder a seguinte problemática deste projeto: será que o professor, principalmente os de literatura e os de sociologia estão atentos a esse processo descrito nesse trabalho, o da cibercultura e sua relação com o poeta, essa conexão entre o meio tecnológico (os blogs/fotologs) e a produção do século passado, do poeta que, de certa maneira, estão inseridos e produzidos pela globalização e segmentação (grupos urbanos) cada vez maior na sociedade contemporânea?

Com isso, a busca de querer entender o

universo do mundo da cibercultura mais de perto possibilitará conhecer as simbologias, as identidades, as ideologias de grupos que, de uma certa maneira, estão inseridos nesse universo. Assim afirma Lipovetsky (1999): “A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo do seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem: era periférica, agora é hegemônica.”

A fragmentação do sistema da moda, de acordo com Lipovetsky (1989), ligou-se, ainda, à emergência de um fenômeno historicamente inédito: as modas de jovens, modas marginais, que se apóiam em critérios de rupturas com a moda profissional.

Após a segunda Guerra Mundial, aparecem as primeiras modas jovens minoritárias, primeiras chamadas antimodas, que, principalmente nos anos sessenta, ganham uma amplitude e uma significação novas. Como os hippies, punk, new-wave, rasta, ska, skinhead, a moda viu-se desestabilizada, os códigos foram multiplicados pela cultura anticonformista jovem, manifestando-se em todas as direções: na aparência do vestuário, mas também nos valores, gostos e comportamentos. Com as modas jovens, a aparência registra um forte ímpeto individualista, uma espécie de onda neodândi, consagrando a importância extrema do parecer, exibindo o afastamento radical com a média, arriscando a uma provocação junto a excesso e excentricidade, com o objetivo de desagradar, surpreender e até chocar.

É preciso ver, nessas modas de jovens, menos um desvio absoluto do que o espelho deformante de um vago de individualização geral dos comportamentos de moda próprios à nova era da aparências.

Sobre a questão de um mercado de bens simbólicos, a partir do século XX, a revolução tecnológica, segundo Marinho (2002), propiciou a difusão de informação de uma forma nunca vista anteriormente, e possibilitou o desenvolvimento de uma sociedade em que a indústria de comunicação tem papel fundamental, influenciando e sendo influenciada, de forma cada vez mais rápida. Em virtude disso, nota-se uma revolução cultural de forma cada vez mais acentuada, fortalecendo o mercado de bens simbólicos e imateriais. Isto proporcionou benefícios à indústria de Moda, pois o vestuário é um importante elemento de identificação simbólica.

Para Marinho (2002), “O vestuário, ao incorporar determinadas características da indumentária, em evidência em qualquer um dos produtos da indústria cultural, como: o filme, a novela, o anúncio publicitário, torna acessível ao grande

público o glamour inerente à atriz ou ao ator das telas, ou dos modelos de páginas editoriais. Alimentando esse processo, e sendo alimentado por ele, a indústria cultural é capaz, portanto, de criar necessidades, de fomentar a demanda de determinados bens de consumo, que podem ser encontrados em larga escala no mercado. A moda é uma das manifestações que opera elementos simbólicos, envolvendo aspectos como individualidade, desejo, ao mesmo tempo em que movimenta uma estrutura econômica poderosa e diversificada, em termos industriais e comerciais.”

Portanto, de acordo com Rocha (1985), há tantos símbolos no capitalismo, quanto há simbologias e metodologias entre os índios do Amazonas, os nativos da Polinésia e os negros da África Equatorial. Com isso, por meios essencialmente simbólicos, como circuitos de trocas sociais, é que o consumo invade a sociedade. Invasão que consiste na ação de ajustar-se ao processo de construção de identidades sociais, distribuídas pela mídia de massa e seguindo de perto os modelos culturais que definem os tipos ideais de cada segmento, grupo, ou classe.

De acordo com Levy (1996) existe um movimento social e cultural que se encontra oculto por trás deste fenômeno técnico. Um movimento social que podemos assim dizer que possui uma nova relação com o saber e que proporciona mutações que a cibercultura gera na educação, na formação, além das novas formas artísticas relacionadas aos computadores e às redes. Movimento social percebível aqui nos blogs dos grupos analisados, nas pesquisas com educadores, aplicadas com toda reflexão teórica aqui discutida.

De acordo com Featherstone (1995) a expressão “estilo de vida” está atualmente em moda, embora tivesse um significado sociológico designado a estilo de vida distintivo de grupos de status específicos como proposto por Weber. Na cultura de consumo atual, ela está relacionada à individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. Para o autor, “o corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias, etc. de uma pessoa, são vistos como indicadores da individualidade, do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor.”

O consumo, portanto, não pode ser compreendido apenas como consumo de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente como consumo de signos. Foi essa negação do referente, substituindo por um campo instável de significantes flutuantes, que levaram Baudrillard a descrever como o “derradeiro e o melhor dos marxistas.”

Para Jameson apud Featherstone (1995), a cultura “é o próprio elemento da sociedade de consumo: nenhuma sociedade jamais foi tão saturada de signos e imagens como esta.”

Barbeiro (2003) ressalta que hoje a rede virtual não é unicamente o espaço no qual circulam o capital, as finanças, mas também é um lugar de encontro de multidões de minorias e comunidades marginalizadas, ou de coletividades de pesquisa e trabalho educativo ou artístico. Nas grandes cidades, observa o autor, o uso das redes eletrônicas permite a criação de grupos que, virtuais em sua origem, acabam territorializando-se, passando da conexão ao encontro e do encontro à ação, como visto em algumas comunidades virtuais do orkut e blogs de emos, darks e góticos.

## 2.4 Relação desses Grupos com Álvares de Azevedo.

Por meio de pesquisas realizadas na internet, observa-se que os blogs ditos como góticos, darks e emos fazem referência ao poeta Álvares de Azevedo. Não somente a ele, mas também a outros como: Augusto dos Anjos, Lord Byron, Emily Brontë, Florbela Espanca e outros. É interessante ressaltar que esses poetas e escritores estão misturados com bandas, cantores atuais, como: Evanescence, Marilyn Manson, Nirvana, Legião Urbana e muitas outras bandas. Existem, nesses blogs, simbologias e representações referentes ao poeta, como o fascínio pela morte (uso de cruzes, cemitérios, usados pelos góticos), o pessimismo do poeta em poesias darks e o sentimento intenso de amar, um amor intocável, platônico pelos emos.

Descrevendo o perfil do poeta, brevemente veremos muitas dessas simbologias que esses grupos urbanos utilizam. Segundo ROCHA (1982), Manuel Antonio Álvares de Azevedo é o melhor exemplo de poeta do ultra-romantismo entre nós. Em 1848, matricula-se na faculdade de direito de São Paulo, quando já inicia um período de intensa produção poética, ao mesmo tempo em que sente os primeiros sintomas de tuberculose. A partir de 1851, tem verdadeira fixação pela idéia de sua própria morte (simbologia gótica), deixando-a clara em várias cartas à mãe, à irmã e aos amigos.

Considerado estudante prodígio, Álvares de Azevedo foi responsável pelos contornos definitivos do “mal do século” em nossa literatura, produzindo uma obra influenciada por Lord Byron, de quem foi leitor assíduo e tradutor, e por Musset, de quem herdou as características do “spleen”, o sarcasmo, a ironia e autodestruição. Suas poesias falam de

amor e morte, um amor sempre idealizado, irreal, povoado de donzelas ingênuas, virgens sonhadas, misteriosas mulheres (melhor seria dizer vultos) que habitam seus sonhos adolescentes (simbologia emo), mas que nunca se materializam. Daí a frustração, o sofrimento, a dor só acalmada pela lembrança da mãe e da irmã.

A morte foi sempre uma presença tão viva que, numa contradição compreensível, mais lhe atija a vontade de viver: no entanto, ela mesma representa fuga como fruto de uma sensação de impotência diante do mundo (simbologia dark).

## 2.5 Educações e Internet

De acordo com Fausto Neto (2001), “a internet é muitas vezes tratada pelos meios de comunicação e por especialistas como uma ferramenta anárquica e libertária”. Talvez esse seja o fato por que haja uma certa barreira por parte da maioria dos educadores frente à rede, como aqui notado nas entrevistas. A professora A, da rede pública, ao ser entrevistada, preferiu não opinar ou discutir o assunto, pois segundo ela “a internet não faz parte do seu universo e até não possui computador em casa”. Assim como também a professora D, da rede privada, que afirma: “prefiro o método tradicional, ainda tenho dificuldade de trabalhar com a internet, prefiro os livros, reportagens, os textos...”. Segundo Lévy (1998), a cultura do texto teme o aniquilar do texto, porém ressalta que a virtualização realiza o devir do texto, como se saíssemos de uma certa pré história e a aventura do texto começasse realmente, como se acabássemos de inventar a escrita. Já o professor B, da rede pública, acredita que a internet engloba tudo. O problema não é usar a internet como fonte de informação e sim usar a internet como fonte de produção, ao invés de pesquisar, ler e dali tirar informações para poder redigir o seu trabalho, ele (aluno) faz simplesmente a cópia, o plágio. Esse seria o mal que acompanha a internet, mas você (como professor) não pode negar a internet por esse tipo de uso equivocado. Falar que a internet não vale. Existe uma série de livros a que o aluno não tem acesso, pois a biblioteca não tem ou não iria conseguir encontrar na região. Fora as informações de vanguardas, pois os alunos querem o novo sobre um determinado assunto.

Outros professores, como a professora C, da rede privada, não somente compartilham do mundo virtual, como a utilizam nos seus procedimentos pedagógicos. Segundo ela, “a internet é uma fonte do que você quiser, informação é o que e mais nós temos; informação e publicidade, mas ela é um ótimo veículo

de divulgação da cultura, da expressão artística. Eu posso baixar obras e ler na internet, eu posso discutir no orkut, em uma comunidade, por exemplo de Clarice Lispector, do Mário Quintana, como a gente tá discutindo e levando para a “galerinha”. Então o aluno vai entrar na comunidade e vai conhecer um autor, um clássico através da internet. Então, a internet não é nenhuma inimiga, somente o uso excessivo da procura do msn, do orkut. Usar para escrever para o colega um monte de asteriscos. Deve se haver um cuidado com a procura. Quanto a copiar e colar, a gente tinha antigamente a Balsa, a cola e a cópia a Balsa, só que dava um trabalho, porque o aluno tinha que escrever a mão, então colar era mais difícil, mas o nível de reflexão às vezes não era tão diferente da colagem da internet. A gente fraqueja muito com o aluno de hoje, mas o aluno no de antigamente também. Eu sei porque o aluno daquela época também colava um monte da balsa. Mas como direcionar? Ai que está? Olha, vocês vão trazer, fazer “o copia e cola” e traga traçado o seu “copia e cola” para a sala e depois a gente vai discutir e ler o que você colou. Não dá para você se enganar, achando que o aluno não vai procurar na internet, mesmo que ele faça manuscrito. Eu sou extremamente aberta à internet, não sei se pelo fato de ser mais nova. Mas acredito que o professor que estiver buscando uma formação contínua, e pode ele ter sessenta anos, ele já se rendeu à internet, porque ele viu que é muito mais fácil, ele ligar o computador dele do que ele ir até à biblioteca municipal e ficar se matando nos catálogos lá, para ver se tem o que ele quer. A internet é para todos. O grande problema da educação é a desorientação do jovem. O jovem se perde muito ideologicamente. Aí, vem a questão da ideologia, a propaganda, da publicidade, o MSN, o Orkut. Eles estão engaiolados somente nisso e deixam de desfrutar de uma diversidade de coisas. A internet não é somente de lazer, mas de saber, de conhecimento.

Essa divergência de opiniões referente à internet não é somente percebida entre os professores, mas também entre os teóricos. Fausto Neto (2001) coloca que vários teóricos possuem uma visão positiva sobre a internet, como Lévy. E outros uma visão não tão positiva assim, como de Bosi, que acredita que ela é um turbilhão de informações desorganizantes e superficiais e até visões pessimistas, como de Baudrilard, que a enxerga como um beco sem saída.

## 3. Metodologias

Num primeiro momento, será realizado um

levantamento bibliográfico sobre novas sensibilidades tecnológicas, grupos urbanos, ideologias e segmentação versus globalização.

Este estudo será desenvolvido por meio de pesquisa de campo exploratória, com abordagem qualitativa, tendo em vista a intenção de compreender os sentimentos dos educadores frente a esse processo, que envolve essas novas tecnologias junto a seus alunos.

A pesquisa exploratória é uma categoria que tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tendo em vista torná-lo mais explícito ou aproximar idéias. (GIL, 1995).

Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com nível da realidade que não pode ser qualificada, trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais aprofundado da relação dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização.

Será também um estudo descritivo, pois a pesquisa descritiva verifica se que o pesquisador já vivenciou a primeira aproximação, que é a exploratória, e num segundo momento levanta as características conhecidas, componente do fato, fenômeno ou processo, podendo ser realizado também com observação sistemática (Fleming, 2005).

O instrumento para coleta dos dados será uma entrevista com 06 questões norteadoras abertas (Apêndice I), sendo que as falas serão gravadas com o auxílio de um gravador com fita k7.

A população desse estudo constituir-se-á de professores que ministram aulas de Literatura e Sociologia nas séries do Ensino Médio do Colégio Alfa e do Colégio Estadual Professor Emanuel Victorio, Abrozino de Cascavel/PR, no período matutino e vespertino do ano de 2006, sendo uma amostragem de quatro educadores. Dois professores da rede privada de ensino e dois professores da rede pública. A entrevista será aplicada no mês de outubro de 2006. Após realizada a coleta dos dados, será feita a transcrição, separação por categorias, análise e discussão dos mesmos.

Portanto, a pesquisa deve ser vista como um procedimento formal, um método de pensamento reflexivo, de tratamento científico. Desta forma, a pesquisa possui a tarefa de contribuir para o conhecimento da realidade ou das verdades parciais.

Enfim, a pesquisa busca respostas num determinado universo, para comprovações de

diversas questões, como é caso deste trabalho.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe vai o tempo, segundo Santos (1996), em que o livro único permanecia inalterável por longos e longos anos, símbolo da estabilidade do sistema educativo, em que a sociedade sabia o que exigir da Escola e, por seu lado, esta sabia o que oferecer à sociedade. Enfim, o tempo em que os filhos estudavam pelos livros dos pais e o domínio dos conteúdos chavões (sobretudo na História e Geografia de Portugal) era glória nos serões familiares.

Sobre essa educação tradicional, em choque com a cibercultura, o professor B diz que “o aluno fala uma linguagem e o professor outra. Mas essa é a educação tradicional, a nossa formação educacional foi assim. Os professores, com aqueles conceitos que não fazem sentido algum para os alunos. É difícil? É. Precisa falar uma língua próxima da deles, sim. Mas é necessário cuidado para não destruir com o processo educacional, porque pelo fato de você querer tanto aproximar da linguagem deles, você acaba ridicularizando a sua disciplina. Como vou falar de Nietzsche, por exemplo, usando de conceitos da rua? Tenho que tomar cuidado, eu posso aproximar, eu posso mostrar como o Nietzsche influencia, o Sartre influencia, mas eu não posso deixar de trabalhar os conceitos que são próprios dos autores.

Eu tenho que fazer com que ele compreenda que a palavra difícil lá, não é difícil, é porque ele ainda não conhece, assim como eu também não consigo entender a língua deles porque são gírias que não são próprias do meu universo. Hoje é assim, na nossa adolescência foi assim e dos filhos desses nossos alunos serão assim também”.

Nessa recente virada do século, vivemos uma época em que as mudanças científicas, tecnológicas, econômicas, políticas e, principalmente, sociais, trazem à Escola uma responsabilidade acrescida na definição do seu papel e formas de atuação. Sentimos que estamos numa sociedade em constante mudança e que esta se faz a um ritmo vertiginoso.

Uma das características da sociedade científico-tecnológica em que vivemos é o ritmo alucinante de transformação em todos os seus níveis, nunca antes experimentado na História da Humanidade (SÁ, 1994). Modos de vida, hábitos, valores e costumes estão em permanente mutação.

O mercado de trabalho cada vez menos se apresenta como uma estrutura definida de profissões, para dar lugar a um espaço flexível, em que a exigência de novas profissões e especializações

impõe a necessidade de reconversão e mobilidade profissionais.

A sociedade de hoje não é mais a sociedade do saber fechado, estático, tranquilizador. A pós-modernidade tem como característica a instabilidade, as mudanças excepcionalmente rápidas, quer ao nível dos conhecimentos, quer ao nível das técnicas, quer também ao nível das atitudes. O saber hoje é aberto, instável, reorganizável, recombinaível. Recombinam-se duas culturas: a humanista e a científico-tecnológica. Sem se ter uma cultura científica e técnica, fica-se hoje analfabeto, defasado, incapaz de acompanhar o evoluir da sociedade (Sá, 1994). A ciência e a técnica deixaram de serem assuntos que só interessam aos especialistas. As suas implicações estão aí bem presentes no nosso quotidiano e bem mais presentes, quanto maior é a difusão da informação pelos meios de comunicação social.

Mas, para captar o sentido total das implicações dos desenvolvimentos científicos e técnicos na vivência humana, exige-se uma dimensão cultural que a cultura humanística possibilita. A cultura é hoje, como outrora, um fenómeno profundamente multidimensional. Prova disso pode ser vista na fala da professora C: "Eu não sei se os professores estão, mas eu vou falar por mim. Essa formação na internet, nesse veículo ligado a literatura. Não existe uma resistência à cultura tecnológica, se não estão atentos (os professores) porque não é parte do mundo deles. De repente não é a música que o professor curte (envolve questão pessoal). Conheço um professor que trabalha literatura e obra de arte, telas, é a praia dele, outro literatura e música, que é a praia dele. Tem muito do gosto do professor. A fonte é outra. Eu dou tarefa no Orkut. Então, já é outra forma. Tarefa eu vou corrigir lá em casa no Orkut, então entram no meu perfil, ou na comunidade do colégio e vão postar tarefa. Como que é?. Então, eles vão procurar comunidades que falam de Mário Quintana, vão escolher uma frase do poeta e vão postar na comunidade.

Então, essa abertura já existe. Eu sei que fui original, nunca vi ninguém fazendo isso. Sei que fui uma das primeiras e fui o maior sucesso do colégio, depois que aprendi, ensinei. Você participar da mesma fonte que eles. Sei que eles ficam de três a quatro horas na internet em casa por dia. Vou me frustrar menos se eu der uma tarefa na internet do que uma tarefa para ser entrega no dia seguinte. Nós estamos tendo uma comunicação mais rápida. Entrar nesse universo, você ganha cumplicidade.

Não é entrar em um mundo deles, é mundo nosso (internet), eu uso internet, eu uso MSN, eu uso

Orkut, eu declaro isso para eles. O aluno sabendo disso se identifica, eu também uso, professora, mas o meu pai não usa, a minha mãe não usa. Aí parece uma coisa mais antiga. Com isso você entra nesse nível de cumplicidade. Pelo que vejo entre os meu colegas, todos têm comunidade, a sua página no orkut, buscando essa comodidade".

Com os professores entrevistados neste trabalho, concluímos que se torna necessário desenvolver nos jovens capacidades como o pensamento crítico, o aprender a aprender, a decisão, a compreensão do real, e do real na sua relação com o ideal, o saber trabalhar em cooperação, em rede, em sistema, o ser capaz de conviver com os outros, sem deixar de se ser quem é.

Outra das características que observamos, na fala desses professores, é a resistência ao uso da tecnologia, não somente na escola, mas que já vem refletida da nossa sociedade, a acentuação cada vez mais evidenciada da substituição do homem pela máquina. Como descrito pela professora C, "os que possuem mais resistência a tudo isso são os mais antigos, pelo medo da máquina. Depois que eles vêem que a máquina não morde, eles conseguem e vão embora. Só que isso é meio complicado, porque tenho uma professora de 68 anos que me deu aula sobre internet. Então isso é muito pessoal, depende da forma e do quanto que ele busca na sua formação".

Amídia afirmou recentemente que a evolução tecnológica duplica hoje de 17 em 17 meses e que no ano 2010 é provável que duplique de 12 em 12 meses. Afirmações que talvez expliquem a dificuldade de esses professores trabalharem com os blogs ou fotologs nas suas aulas. Mas que conseqüências terá esta rápida evolução? Para o professor B "a internet é mais que a televisão para os jovens. Porque a internet para eles sempre existiu, estava ali pronta (cultura tecnológica). É o universo deles, agora diretamente ligado. Para eles é impossível se imaginar sem ela (internet), uns dias atrás, até brinquei com os meus alunos do primeiro ano, eu falei: Gente eu não existo!!! Como assim professor? Eu não tenho Orkut. É professor realmente você não existe. Como você não tem orkut? É impossível, responderam os alunos para mim. Eles não conseguem conceber a vida sem estar ligado a rede. Sem que seu nome não faça parte da rede".

Desta forma, e tal como refere Santos (1996), "é preciso aprender dia a dia". Num mercado global em constante mudança, é preciso abertura para reconhecer que o conhecimento adquirido é ultrapassado no dia seguinte. Portanto, é importante aprender a aprender e, por isso, também, ensinar

a aprender. É necessário para se adaptarem a um mundo em constante mudança.

A Escola não pode continuar a ser apenas um local de instrução, mas tem de ser também um local onde se personaliza, socializa e educa. Este papel não pertence somente à família. A Escola tem de ser um local de diálogo, onde os jovens possam participar de uma forma empenhada e alegre no seu projeto educativo. Deste modo deixaremos de formar jovens passivos, conformados e sem opinião, para formarmos jovens participativos, ativos, com iniciativa e criatividade, com autonomia, dinâmicos e críticos (SAMPAIO, 1996).

Como afirma Ponte (1997), “o papel fundamental da escola já não é o de preparar uma pequena elite para estudos superiores e proporcionar à grande massa os requisitos mínimos para uma inserção rápida no mercado de trabalho”. Pelo contrário, o seu papel passou a ser o de preparar a totalidade dos jovens para se inserirem, de modo criativo, crítico e interveniente, numa sociedade cada vez mais complexa, em que a capacidade de descortinar oportunidades, a flexibilidade de raciocínio, a adaptação a novas situações, a persistência e a capacidade de interagir e cooperar são qualidades fundamentais.

Segundo Figuerreiro (1998), a aprendizagem escolar será uma parcela cada vez menor da aprendizagem global que os alunos vão ter. Isto não significa que vão aprender menos na escola, mas sim que irão aprender cada vez mais no exterior.

Segundo o mesmo autor, os alunos “na escola devem é aprender melhor” e por isso, o novo papel da escola deverá ser “o de promover a aquisição de saberes e competências-chave e de auxiliar a estruturar a grande diversidade de vivências exteriores em torno desses saberes e competências-chave”.

Este novo papel da escola implica uma nova maneira de ser professor. O professor, como autoridade suprema, que sabe tudo, incumbido de ensinar o aluno, que nada sabe, é cada vez mais um modelo do passado. Assim, a principal função do professor já não é dar o programa todo, mas é a de interpretar, gerir e adaptar o currículo às características e necessidades dos seus alunos, criando contextos de aprendizagem tão fecundos quanto possível (FIGUERREIRO, 1998). O professor não se pode limitar a seguir o livro de texto, mas tem de usar materiais diversificados e estimular os alunos a consultar diversas fontes de informação.

O ensino na sala de aula não se pode basear exclusivamente no quadro e giz, mas tem de tirar partido das novas tecnologias de informação.

Ensinar não se pode reduzir ao binômio de expor a matéria e passar exercícios, sendo necessário propor tarefas diversificadas, incluindo problemas, projeto e investigações, e estimular diferentes formas de trabalho e de interação entre os alunos. O professor não pode monopolizar o discurso na sala de aula, mas tem de ser capaz de transformá-la numa verdadeira comunidade de aprendizagem, em que os alunos tenham um papel de relevo. Isso é bastante perceptível na professora C que é totalmente aberta ao universo da internet, ao contrário da professora D, que não é.

Devido às suas características, este trabalho parece ser um contributo interessante para dar resposta a algumas das necessidades da sociedade atual, nomeadamente contribuindo para a formação de jovens com autonomia, espírito crítico e de cooperação, responsabilidade e, sobretudo, capazes de aceder, organizar e processar informação pelos seus próprios meios, visto em alguns alunos, descritos na entrevista e de alguns blogs aqui analisados. Ao mesmo tempo, pode ser também uma alternativa importante para as aulas meramente expositivas, cujo valor na formação global dos nossos jovens é muito questionável.

Percebemos, através da pesquisa com os educadores, que nem todos os professores, mesmo aqueles que possuem uma maior intimidade com a internet, conseguem fazer a conexão que um educador fez, relatado em uma carta por um aluno, no caderno FolhaTeen, do Jornal Folha de São Paulo. “Queria expressar o meu contentamento pela série de reportagens que o Folhateen tem feito sobre essa tribo urbana: emo”. O aluno coloca que a matéria sobre a tribo urbana foi de grande ajuda, pois o professor propôs uma discussão em sala de aula, com o seguinte objetivo: discutir, como ensinar, como ouvir e relacionar essa vertente da música gótica com um conteúdo educacional, como, por exemplo, a segunda fase do romantismo brasileiro, de Álvares de Azevedo, como também, questionar a expressão ideológica desse novo grupo.

Portanto, um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência, de acordo com Lévy (1996). A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto. A constituição do “nós”, comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual, a extensão do ciberespaço, desempenham um papel capital na mutação em curso, uma onda que ultrapassa amplamente a informatização. Estamos ameaçados por um apocalipse cultural, como coloca Baudrillard?

Talvez uma visão pessimista, como já falado. Ou estamos apenas entrando em uma nova cultura, como discutimos aqui? Observamos que existe não somente uma divergência teórica (diferentes concepções do virtual), mas também entre os educadores e mais ainda do gosto pessoal, do poder crítico de cada um (seja aluno, professor, teórico, membro de uma comunidade ou grupo). O que não podemos é negar que um momento raro anuncia uma cultura nova: a cibercultura.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARBEIRO, J. M. **Por outra comunicação**: mídia, mundilização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BIRRAUX, A. **L'Adolescence face a son corps**. Paris: Ed.Universitaires, 1990.
- CANEVACCI, M. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CHARON, J. M. **Sociologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- EMBACHER, A. **Moda e identidade**: a construção de um estilo próprio. São Paulo: Morumbi, 1999.
- FAUSTO NETO, A. et al. **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FLEMING, S. F. (Org.). **Manual para elaboração de trabalho científicos, redação oficial e comercial**. 2. ed. Cascavel: Coluna do Saber, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 107.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- KOSÍK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MARINHO, M. G. S. M. **Moda**: condicionantes sociais de sua institucionalização acadêmica em São Paulo – moda, comunicação e cultura – um olhar acadêmico. São Paulo: Arte & Ciências; NIDEM – Núcleo de Estudos de Moda/UNIP; FAPESP, 2002.
- MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: M. Fontes, 1998.
- MELLO E SOUZA, G. de. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MINAYO, C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, métodos e atividades. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PONTE, J. P. **O ensino da matemática na sociedade da informação**. São Paulo: Caminho, 1997.
- \_\_\_\_\_. Técnica, magia e mercado. **Folha de São Paulo**, 06 out. 2002.
- ROCHA, E. P. G. **Magia e capitalismo**: um estudo antropológico sobre a publicidade. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ROCHA, H. **Macário, noites na taverna e poemas maltidos**. Rio de Janeiro: F Alves, 1982.
- SÁ, J. P. **Renovar as práticas no 1º ciclo pela via das ciências da natureza**. Porto: Porto Editora, 1994.
- SAMPAIO, D. **Vozes e ruídos**: diálogos com adolescentes. São Paulo: Caminhos, 1993.

\_\_\_\_\_ **Voltei à escola**. Lisboa: Caminho, 1996.

SANTOS, A. D. **Cientistas de palmo e meio**. São Paulo: Noesis, 1996.

WILSON, E. **Enfeitada de sonhos**: moda e modernidade. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

FIGUEREIRO, A. D. **A escola do futuro**. Disponível em: <<http://www.dei.uc.pt:80/~adf/express1.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2005.

FORTINO, L. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2006. Caderno Folhateen, p. 4.

SOUZA, E. **Glossário do Weblog**. Disponível em: <<http://www.asseptic.org/pages/blogossario/>>. Acesso em: 18 nov. 2003.